

O poder vinculador da comunicação na dança Krump¹

Camilla Millan Coelho de MAGALHÃES²
José Eugenio de Oliveira MENEZES³

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

O presente texto aborda a dança Krump como forma de comunicação. A partir da participação em ensaios e eventos do grupo *Lords Of Krump*, são analisadas as diferentes maneiras como os corpos dançantes participam da dança como processo de comunicação, os vínculos entre os membros do grupo, o rico compartilhamento de afetos e a relação entre o teatro e a dança. Dialogando com os estudos de Norval Baitello a respeito do corpo e com o livro *Affective Moves: Space, Violence and the body in Rize's krump dancing* de Stephanie Batiste, o texto considera o dançarino não apenas como um ser dançante, mas como um comunicador de suas experiências com o mundo.

Palavras-chave: Krump; Dança; Corpo. Cultura do Ouvir; Vínculos.

Introdução

O corpo humano tem a necessidade de criar vínculos. Tais vínculos, como explica Norval Baitello Junior no texto “Corpo e imagem: Comunicação, Ambientes, Vínculos” (Baitello *in* Rodrigues, 2008), precisam ser alimentados pelos afetos em uma espécie de reconhecimento e identificação no contato com o outro.

A comunicação entre os indivíduos não só ocupa como configura e cria espaços sociais e culturais. A sua vivência com o mundo definirá a sua comunicação com o outro. E é preciso ressaltar que a comunicação é muito mais que palavras, ela é corpo, vínculo e som.

A comunicação não é apenas um “instinto” do homem, ela é uma necessidade. No entanto, na contemporaneidade os meios eletrônicos de comunicação dão muita

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de jornalismo e pesquisadora de iniciação científica do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) e do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir da Faculdade Cásper Líbero (São Paulo). E-mail: camillamcm@hotmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Docente da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, onde integra o Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir. Orientador da pesquisa de iniciação científica de Camilla Millan Coelho de Magalhães. E-mail: jeomenezes@casperlibero.edu.br

importância para a cultura imagética e deixam de lado os meios primários de comunicação: gestos, sons, expressões e toques. E a comunicação corporal é muito poderosa. Cada corpo produz textos de cultura que possibilitam leitura, diálogo, compartilhamento de ideias; cada corpo tem a sua vivência, os seus traumas, as suas dores que são refletidas na participação nos processos de comunicação. Cada corpo é único.

Sabemos, conforme o denominado “princípio de ambiência”, que o corpo é um “catalisador inicial” de um ambiente comunicacional. “Sua simples presença gera a disposição de interação, desencadeia processos de vinculação com o meio, com os outros seres do entorno e com seus iguais” (Baitello *in* Rodrigues, 2008, p.99).

Na dança, o corpo é evidenciado. A comunicação entre os corpos é exaltada e a energia captada através das batidas da música modifica o corpo, enquanto este transmite ideias, energias e sentimentos. A música é um importante, se não um dos essenciais aspectos para a consolidação dessa comunicação, sendo ela que rege os movimentos, que define as batidas e que se reflete no interior dos corpos e mentes dos participantes.

Quem começa uma prática de dança procura algo que está faltando, pode ser para encontrar amigos, para desenvolver um *hobbie*, para esquecer um trauma ou para praticar exercícios. Todas essas justificativas exercem algum tipo de comunicação, tanto de uma pessoa com outra, quanto de uma pessoa para com o seu próprio corpo. Na dança Krump, essa comunicação é ainda mais evidente.

O Krump

Segundo a página *Krumpology*, disponível no Facebook, a dança Krump surgiu em Los Angeles durante a década de 90, sendo majoritariamente dançada em batalhas e *sessions* no estilo *freestyle*. Além disso, existe uma hierarquia bem estabelecida e um sistema de aprendizagem. Existem as chamadas *Fams*, que são grupos de krumpers, conhecidos como “famílias”, as quais cada uma é organizada em torno de um krumper mais experiente e com uma linha de dança bem definida que será o mentor e instrutor, o *Big Homie*. Ele ensina seus *Lil homies*, “aprendizes”, menos experientes que vão treinar com os mais velhos. A família se torna uma hierarquia, com os dançarinos que o *Big Homie* considera mais experientes ocupando postos mais altos e os outros inexperientes

em postos mais baixos. Essa hierarquia é refletida pelos *a.k.a's*⁴, nomes dados a cada membro da família, que vão de baby e junior até Young, Lil e Twin.

O krumping é conhecido pelas batalhas nas quais forma-se uma roda e os dançarinos entram na roda, um por vez. Os dançarinos que competem levam empurrões e batidas dos que estão fora da batalha como forma de incentivo. Esse suporte dado pelos que formam a roda é uma das essências da dança, sendo importante para a autoestima do dançarino e, conseqüentemente, para sua dança.

O suporte a gente chama de HYPE, que é a energia. É a motivação, quanto mais suporte eu tenho, melhor eu vou ser. é como se fosse um combustível. Às vezes eu não tô dançando bem e as pessoas chegam, falam algo no meu ouvido ou ficam do meu lado e começam a balançar o corpo comigo e isso já me dá uma motivação para dançar, e é aí que você passa dos seus limites (Vinícius Oliveira, a.k.a Big Pitbull, 2018).

A dança é muitas vezes associada a uma ideia de violência e de raiva, mas vamos tratá-la como uma expressão de libertação. Os dançarinos, na maioria das vezes negros e moradores da periferia de grandes cidades, se libertam dessa dura realidade de preconceito, violência e repressão por meio da dança.

O corpo é um reflexo de sua vivência, portanto, uma experiência de vida repleta de violência e preconceito é refletida no corpo por meio de sua incompletude. Dessa maneira, o corpo incompleto entrará em uma busca por uma experiência que preencha seus vazios e a dança tratará disso quase como de maneira medicinal. Ela trará autoconfiança, a capacidade de decisão e o sentimento de ser dono de algo, do seu próprio corpo.

O corpo é o responsável por compartilhar as infinitas histórias dos dançarinos ao mesmo tempo em que ele preenche espaços. No entanto, sua responsabilidade vai além do preenchimento, ele lida com a criação de espaços. No Krump, os corpos criam um espaço, uma roda de batalha, preenchendo-a e estabelecendo o ambiente comunicacional que inclui aqueles que estão observando e aplaudindo a dança.

Na dança Krump, a comunicação transcende o pessoal, a dança se projeta para fora, afetando todos os que estão ao redor. A energia que passa pelo corpo do dançarino de certa forma toca todos ao redor e preenche o ambiente, que vibra com mais energia,

⁴ Abreviação em inglês para “also known as”, que significa “também conhecido como” em português. Ela é usada pelos dançarinos de krump antecedendo seus respectivos nomes em suas famílias. Ex: Ronaldo Silva, a.k.a Big Snobrock.

sensações, sentimentos e estímulos que envolvem os participantes. A dança responde às complicadas relações intrapessoais, ela é possuidora de vínculos alimentados por afetos que se comportam como um contágio, deixando o som penetrar no corpo e transmitir o poder e a força da dança. O som provoca essa ressonância entre os indivíduos, os corpos, o ambiente externo e interno.

Eu nunca vi energia igual em nenhuma outra dança(...) Quando eu to dançando, é uma energia muito forte de realmente estar expressando um lado muito ruim as vezes ou algum sentimento ruim de você e que você está soltando isso. Não só ruim, mas é tipo uma libertação mesmo. E você pode ser o que for, não tem problema ser gordo, magro ou sei lá, você só vai e sente. E quando eu vejo os outros dançando não dá nem para explicar. O que acontece no krump é muito forte justamente por causa do suporte e por ser uma dança que primeiramente vem o *feeling* e o personagem. Então, você acaba entrando na onda e cada pessoa no seu personagem passa uma coisa. É surreal, eu já chorei e acho muito louco ver a *vibe* que tem nos eventos (Tamiris Spinelli, a.k.a Princess Snobrock, 2018).

Os dançarinos do Krump podem chegar a um estado chamado de *buckness*, o qual Stephanie L Batiste define como um estado espiritual de poder e essência que caracteriza a proficiência do Krump, mas vai além disso. O compartilhamento do sentimento, a reprodução da música no corpo, os toques de incentivo, a afirmação de sua dança por meio de expressões, de tensão muscular e de harmonia produzem uma satisfação que, juntamente à técnica da dança, criam uma energia que, de tão intensa, se expande do corpo do dançarino, afetando todos os outros em volta quase como um vírus. O *buckness* transcende qualquer movimentação ou euforia, ele é realmente um estado de espírito, de alma, de corpo e de comunicação que se encontra no auge. No entanto, atualmente uma nova terminologia para esse estado é utilizada, o “liveness”. Ele seria o último estágio da dança, passando por “krump” e “buck”, e sendo a dança em seu momento de maior expressão e emoção.

O buck é um estágio em que a gente se envolve muito na questão de intensidade. Você é muito intenso, seu corpo é como se fosse várias explosões ao mesmo tempo. Como se eu estivesse fazendo várias coisas pesadas, como se fosse um tiro. Quando meu corpo tá em buck eu canso muito rápido e é como se cada movimento pesado que eu faço em buck eu abrisse uma porta para entrar em live. Quando eu entro em live é outra parada, é como se eu eu estivesse liberto de alguma coisa. O buck tem muito a ver com eu quebrar barreiras para atingir um ápice a mais, que é o buck. No krump tem os níveis: krump, buck e live. Krump é quando você começa a dançar, faz os fundamentos, as técnicas. Buck é quando você está intenso. Live é quando você está em um estágio muito mais emocional, é o ápice (Vinícius Oliveira, ak.a Big Pitbull, 2018).

Esse auge e essa comunicação são possíveis principalmente devido ao afeto. O que Baitello caracteriza até como amor, podemos compreender como reconhecimento e identificação. Esse afeto produzido por um corpo cultural e biológico faz o dançarino se sentir parte de um grupo, e essa sensação de pertencimento cria vínculos entre esses indivíduos que se comunicam, interagem e batalham por meio da dança.

Os grupos criados são restritos, difíceis de abrirem as portas e mais difíceis ainda de se manterem por meio dos vínculos. Assim como nas amizades, não só é trabalhoso criá-las como mantê-las, conservá-las e alimentá-las. Na dança Krump não é diferente. Para entrar em uma Fam é preciso se mostrar capaz, é necessário o comprometimento com treinos, mas também é necessário honrar o seu nome e o nome do seu *Big Homie*. Não só participar de batalhas como ganhá-las é imprescindível para que o krumper se mantenha na família.

No entanto, se cada corpo é diferente, como é possível um dançarino manter a linha de dança de seu *Big Homie*? Como é possível que todos se entendam por meio da dança? Não é possível. A dança, assim como outras diferentes formas de comunicação possui falhas e diferentes interpretações. As bases do krumping são as mesmas, mas a sua intenção em cima delas é diferente. Uma tensão entre as formas de interpretação da dança pode abalar uma fam e uma roda de batalha pode ser espaço de libertação para um enquanto para outro é uma competição. A comunicação de uma pessoa no campo pode se dar de uma maneira totalmente diferente para a outra, o que pode abalar por completo um grupo. E essa própria tensão gera uma comunicação, que em um grupo de dança, por exemplo, tratará de reafirmar a unidade formada pelos indivíduos.

Diante disso, é preciso refletir que a comunicação corporal é muito diferente da comunicação por uma imagem estabelecida institucionalmente, como no caso de uma placa de trânsito com a inscrição “pare” que será rapidamente entendida por diferentes indivíduos que têm acesso a ela. A dança transcende essa comunicação, comunicando de diferentes maneiras com e para diferentes pessoas de forma complexa. Ela não pede só o olhar, pede reflexão e troca de energia. Pede som, pede corpo.

A dança que afeta a todos

Durante o evento “Krump X Krump”, no Sesc Vila Mariana, no primeiro semestre de 2018, presenciamos a troca de energia entre dançarinos e público. Diversas pessoas que passavam pelo parque notavam os dançarinos, se aproximavam e se acomodavam para ver a dança, muito diferente de danças como o hip-hop em seus movimentos rápidos e fortes. Aqueles que decidiam ver as batalhas, alguns sem saber até de que dança se tratava, se contorciam diante dos dançarinos que batalhavam. A roda, repleta de dançarinos e espectadores conscientes ou não do que se passava ali, vibrava, gritava e se levantava conforme os krumpers davam o seu máximo.

Corpos que deixam ser usados por roupas, que escondem os defeitos e que favorecem a imagem eram capturados por corpos deformados pela dança, corpos tensionados, que esboçavam expressões de força, de vontade. Sim, nós muitas vezes escondemos o nosso corpo por meio da roupa que usamos, obstáculos para que possamos nos conformar e nos sentirmos mais agradáveis diante do nosso corpo que, algumas vezes, passamos a rejeitar ao longo do tempo. O corpo que temos de verdade foi sendo substituído aos poucos por um corpo estranho que reage às pressões familiares e morais da sociedade, se retrai e se modifica. Estar à frente de um corpo sem restrições, um corpo em seu estado máximo de expressividade e comunicação é estranho e incomoda.

Ao primeiro momento, esse é o efeito do Krump. O incômodo. O nosso corpo tão acostumado com a repressão, com ambientes fechados, com o sentar, com as cadeiras é posto como um dos agentes de uma comunicação com um corpo estranho, completamente ciente de seus movimentos e de sua expressão. Nosso corpo, muitas vezes no automático, fica diante de um corpo em êxtase, muitas vezes no limite de sua expressividade física, e isso nos faz refletir.

As danças fazem com que o indivíduo ganhe noção corporal, saia das ações robotizadas e tenha ciência de que seu corpo não se movimenta sozinho, e sim por um agente social, que possui história e que possui medos e vontades que se refletem em seu diálogo corporal. Como disse Thérèse Bertherat em seu livro “O corpo e suas razões”, uma de suas clientes havia procurado sua técnica de “antiginástica” para perder barriga. Segundo a autora, se é isso que ela queria, só isso que ela enxergava, a sua barriga. Mas não só por uma questão estética, depois de um tempo, a autora descobriu que sua cliente

mantinha uma relação conturbada com a sua filha, portanto, a vontade de perder barriga também pode ser uma vontade de acabar com o conflito com aquilo que veio de seu ventre, a sua filha.

É possível perceber como as tensões pessoais afetam o corpo e a maneira que você o vê. No Krump, é preciso confiar em si e em seu próprio corpo, ao contrário, o dançarino não estará nem perto de alcançar seu potencial, assim como o público também não participará de um ambiente comunicacional com máxima energia.

O grupo Lords of Krump

Dentre os grupos de Krump analisaremos o grupo paulistano Lords of Krump. Criado em 2009 o grupo já ganhou alguns campeonatos como o “O Confronto”, em 2017, além de ser o organizador de um dos maiores eventos de dança Krump no país, o CFTK (Confraternização de Krumpers).

O grupo é integrado por cerca de doze indivíduos, além de ser formado por duas principais famílias, a Snobrock e a Pitbull. O Big Snobrock, Ronaldo Silva, é o idealizador do grupo, responsável pela coreografia das apresentações e campeonatos. Mesmo sendo o *Big* da família *Snobrock*, ele participa de uma outra *fam*, a *Rulez*.

O grande desafio de montar espetáculos de Krump é não tirar a essência da dança, que são as bases e os improvisos. Todos os espetáculos do grupo possuem um momento de dança um pouco mais livre em que o improviso ocorre, mesmo que dentro de uma estrutura que organiza a apresentação.

É importante dizer que inicialmente a dança krump foi criada por homens e dançada, majoritariamente por eles. No exterior, atualmente são mais mulheres que dançam, mas no Brasil, ainda são poucas. O grupo Lords of Krump tem três dançarinas, entre elas, a Tamiris Spinelli, que, em entrevista, nos disse que de certa forma há uma diferença entre homens e mulheres no Krump.

Poucas meninas dançam krump no Brasil mas a gente dá suporte uma para a outra e também existem batalhas só de meninas, então na cena krump a gente tem espaço. Por outro lado, a maioria são homens e todo momento a gente tem que ficar lidando com um pouco de machismo até nas famílias e grupos. Mas também tem o lance pessoal, culturalmente a mulher acaba sendo um pouco mais insegura, ainda mais pela maioria ser homem. E como eu sou de uma *fam* que só tem eu de mulher, é difícil pois você se cobra muito. E como tem muitos homens no krump, querendo ou não o nível deles às vezes é maior e isso também intimida

um pouco na hora de treinar (Tamiris Spinelli, a.k.a Princess Snobrock, 2018).

Além de apresentações e eventos da dança, a Lords of Krump organiza as famosas *Sessions*. Elas constituem um mini evento no qual são realizadas apenas batalhas entre os dançarinos tanto do grupo quanto de fora. Elas servem muitas vezes para reafirmar o a.k.a (nome) do dançarino, mas também pode revelar que ele não está se esforçando e evoluindo na dança.

As *Sessions* são realizadas em diversos lugares de São Paulo. No entanto, na maioria das vezes ocorrem na Praça da República e no local onde os próprios ensaios costumam ocorrer, a “Frente Libertadora”, em Santo Amaro. Esse tipo de evento não precisa de uma grande iluminação e estrutura de som. Os indivíduos se reúnem perto de uma caixa de som para batalhar uns contra os outros, normalmente provocando seu adversário por meio de movimentos de ataque e certo toque cênico. No entanto, o principal objetivo desses eventos é o de reunir os krumpers de vários bairros da cidade e até mesmo de outros estados do Brasil.

O Krump pode ser muito bem relacionado a um teatro. Primeiramente, os dançarinos devem incorporar um personagem, devendo ainda trazer um *concept* em sua dança, o que seria uma história contada pelos movimentos do krumper. Toda a dança deve fazer sentido, deve ter uma intenção e a força de uma batalha.

Dessa maneira, percebe-se que o krumper precisa trazer várias ideias com o seu próprio corpo. A expressão corporal tem que ser pensada para expressar o personagem, particularmente com a expressão facial. A música tem que ser reverberada no corpo do dançarino. Este transforma as batidas em movimentos fortes e pesadas, em batidas de pés no chão - os stomps -, em truques com o boné (hat tricks) e em rápidas e firmes movimentações com os braços (jabs), apenas alguns exemplos de usos do corpo pelos dançarinos.

Eu prefiro músicas com batida mais tensa, sinto que meu corpo reverbera quando ouço essa batida. Me move muito na questão de sentir. Quando sinto a batida meu corpo acompanha automaticamente, e eu gosto disso, de passar o que eu to passando. Esse tipo de música me ajuda nesse sentido. Cada música me remete a alguma coisa. Uma música mais cantada me remete ao meu dia a dia, onde eu moro, no Capão. Uma música com mais efeito me remete a uma questão mais de querer impressionar as pessoas com efeitos. Mas eu gosto mais das músicas que me permitem mostrar mais na questão de feeling (Vinícius Oliveira, ak.a Big Pitbull, 2018)

É importante ressaltar que o Krump brasileiro não é o mesmo que o dos Estados Unidos, onde surgiu. Como já foi explicado acima, o corpo é um reflexo de experiências de mundo, fazendo com que a dança seja uma interpretação individual. Assim, a cultura krump funciona de outra maneira no corpo do dançarino que tem influências brasileiras.

O Brasil tem muitas danças nossas que dá para colocar no krump, o que faz com que a gente tenha muita variedade e estilos de krump no Brasil. Um fez capoeira, outro fez frevo, outro fez maculelê, outro fez alguma outra dança típica aqui do Brasil. Com o tempo, o nosso corpo vai mudando através das nossas experiências então quando dançamos krump e sabemos fazer outras coisas de outras danças, automaticamente seu corpo já tem uma memória corporal que faz com que a sua dança mude e não seja uma coisa convencional (Vinícius Oliveira, a.k.a Big Pitbull, 2018).

Dança e teatro no ensaio do grupo Lords Of Krump

No dia 27 de maio de 2018 foi realizado um ensaio do grupo Lords of Krump que se deu de uma maneira peculiar. Franklin Sabaoth, um profissional das artes cênicas passou exercícios de teatro para os dançarinos de Krump. Como já explicado anteriormente, a encenação é um importante aspecto da dança, principalmente durante a batalha, na qual o dançarino deve entrar no seu personagem e dançar para vencer. No entanto, o *character* (personagem) não é apenas o seu nome dentro da sua *fam*, ele é único, mesmo que o dançarino tenha que seguir uma linha da dança. Em um dos exercícios passados pelo profissional isso ficou claro.

Ele pediu que os dançarinos, ao som de uma música que causava certa forma de inspiração, entrassem em seus personagens. Não importava o tempo que levasse. Em rápidos cinco segundos já era possível observar a fisionomia dos krumpers mudando. Os músculos se tensionavam, o rosto se contraía, a postura mudava e aquela pessoa que antes estava lá havia sumido. Todos os dançarinos ativaram seus corpos, modificaram-os a partir de um simples comando do professor de teatro.

Em seguida, pedindo a autorização para tocar em cada personagem, Franklin formou duplas e pediu para que se comunicassem por meio de um som, aquela seria a maneira que o *character* conseguiria se comunicar. Alguns escolheram estalos de dedo, outros assobios, ainda tiveram os que optaram por batidas no peito e pisadas no chão (os *stomps*). Por meio do olhar e do som, nada precisava sair pela boca para que os krumpers entendessem a mensagem. O ambiente comunicacional que havia se formado

era de tamanha intensidade que a música, os barulhos, os corpos vinculados formavam uma unidade de som e de comunicação.

O Character: o personagem que toma o controle do corpo

Por último, continuando o exercício acima citado, Franklin pediu para que Ronaldo, *a.k.a Big Snobrock* e líder do grupo, entrasse na atividade, incorporasse seu personagem e passasse uma mensagem para o grupo. Todos os dançarinos, imersos em seus respectivos personagens, formavam um meio círculo e Ronaldo - que já não era mais ele mesmo - fazia barulhos, se batia, dançava e olhava nos olhos de cada um. Batendo o pé no chão, cada um dos krumper também começou a fazer o movimento, até que em uma unificação do som eles pareciam formar um exército sonoro, um ambiente pleno de vínculos sonoros. Não era preciso estar no exercício para sentir a energia e ser afetado pelos corpos em união e compartilhamento de informações. Mesmo quem estava fora arrepiava⁵.

O exercício depois acabou, mas sair do personagem não é uma tarefa fácil para todos os dançarinos. Após todos deixarem seus *characters* e sentarem em roda para uma conversa, Paulo, um dos dançarinos, revelou que algumas vezes é difícil sair da “viagem”. Ele disse que algumas vezes chegou em casa após a batalha sem ter saído do personagem. Segundo ele, “a energia fica em você como algo espiritual, você não é mais você, é outro mundo”. Andrei Alves, *a.k.a Lil Snobrock*, outro membro do grupo, disse que durante um dos exercícios, seu personagem não queria fazer a atividade, então ele simplesmente deixou o seu *character* comandar e fazer o que desejava.

Durante o exercício não foi difícil perceber os vínculos, a mensagem, a comunicação intracorporal e intercorporal. Quando Ronaldo, como líder, foi à frente do grupo, seus movimentos compartilhavam força, garra e resistência. Como Baitello explica, o corpo preenche espaços, e a comunicação vivenciada durante esse ensaio fez a sala ficar cheia de conexões, vínculos, comunicação. Cada dançarino interagiu com o outro por meio dos sons fracos ou fortes, do movimento, da encarnação do personagem. O pertencimento ao ambiente comunicacional favoreceu a construção de processos de identificação como membros de um mesmo grupo, como humanos, como moradores da periferia disposto a lutar pelos seus valores e não desistir.

⁵ A pesquisa de campo e as entrevistas foram realizadas por Camilla Millan Coelho de Magalhães no primeiro semestre de 2018.

Não é difícil perceber que os corpos, durante o exercício proposto por Franklin, precisavam se encontrar em um estado de disponibilidade, para que assim, se modificassem por meio das palavras do profissional de teatro. Tal disponibilidade foi necessária para que os corpos reagissem rapidamente e os dançarinos, com poucas palavras de comando, entrassem em seus respectivos personagens, fossem afetados pelos desafios propostos.

Afeto que nos contagia

Os afetos constituem uma expressão dos vínculos. Eles agem praticamente em forma de contágio, em que os vários corpos são afetados simultaneamente, compartilham informações e compartilham de um ambiente comunicacional.

A partir do afeto se percebe a verdadeira integração de um grupo de dança, cujo sincronismo durante uma apresentação é perfeito. No entanto, no Krump, o afeto é muito presente na atmosfera de batalha. Aquela energia que se expande para além dos corpos que se movem dentro da roda pode ser considerada o afeto que modifica a todos que estão em volta.

Ele não se trata apenas de movimento corporal. O afeto é o que nos move. Axel Honneth caracteriza o afeto como amor. Segundo ele, o reconhecimento entre os indivíduos é compreendido a partir de algumas relações, entre elas a afetiva, que é essencial para a formação da personalidade e da autoconfiança.

No entanto, tudo que existe nos afeta. O filósofo holandês Baruch Spinoza (1632-1677) compreende afeto como “afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Spinoza, 2008, p. 163). Além disso, segundo Baruch Spinoza, o senso de comunidade é caracterizado por uma sensação de pertencimento que nada mais é se não um vínculo que diz quem é uma pessoa.

Dessa maneira, consideramos que o corpo do dançarino é afetado, afeta, contagia, envolve os participantes e os que estão ao redor, como vimos acima, do mesmo ambiente comunicacional.

Considerações

O grupo *Lords of Krump*, por meio de seus espetáculos e eventos é um exemplo de como a comunicação pode ser exercida por meio da dança. A estrutura estabelecida pela organização dos dançarinos em *fams* é apenas um dos aspectos que proporcionam o compartilhamento de histórias e experiências de vida. A música também constrói uma atmosfera na qual os krumpers se unem em seus objetivos com a dança. O krump é exercido como um meio de extravasar, e seus movimentos, unidos ao suporte, preenchem os espaços e afetam a todos.

A dança krump permite a compreensão de que corpo pede corpo (Baitello, 2014), possibilita a observação dos ambientes comunicacionais gerados pelos corpos envolvidos também por vínculos sonoros. Os dançarinos, com seus gestos fortes e envolventes, com suas roupas, com expressões teatrais, com as atitudes vigorosas, experimentam e convidam a vivenciar o ambiente das batalhas. Na dança encontramos expressões de uma cultura do ouvir que vincula os dançarinos e gera ambientes comunicacionais.

Referências

- BAITELLO JUNIOR, Norval. Corpo e imagem: Comunicação, ambientes e vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008. p. 95-112.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. Cultura do Ouvir. In: BAITELLO JR, N. **A era da iconofagia**. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado**. S. Leopoldo: Unisinos, 2012.
- BATISTE, L Stephanie. Affective Moves: Space, Violence and the body in Rize's krump dancing. In: BORELLI, Melissa Blanco. **The Oxford Handbook of Dance and The Popular Screen**. New York: Oxford University Press, 2014.
- BERENDT, Joachim-Ernst. **Nada Brahma**. A música e o universo da consciência. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BERTHERAT, Thérèse. **O corpo tem suas razões**: Antiginástica e consciência de si. São Paulo : Martins Fontes, 2001.
- HONNETH, Axel. **Luta pelo reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.
- KRUMPOLOGY. **A page with the purpose of promote, spread the nature of Krump**. Disponível em: < https://www.facebook.com/pg/krumpology/notes/?ref=page_internal

<http://mayckonphylosophy.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MENEZES, José Eugenio de O. **Cultura do Ouvir e Ecologia da Comunicação**. São Paulo: Uni, 2016. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

OLIVEIRA, Vinícius da Silva Azevedo. Entrevista concedida a Camilla Millan Coelho de Magalhães. São Paulo, maio de 2018.

PRIETO, Joana Fernandes. Comunicação e Cultura na corporeidade da dança contemporânea”. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0125-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SPINELLI, Tamiris Bianco. Entrevista concedida a Camilla Millan Coelho de Magalhães. São Paulo, maio de 2018.

SPINOZA, Baruc. **Ética**. Trad. T. Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.